



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Tuanna Letícia Silva da Luz

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-392

Entrevistado: Tuanna Letícia Silva da Luz

Nascimento: 09/05/1991

Local da entrevista: Universidade de Caxias do Sul

Entrevistador/a: Daniela Romcy

Data da entrevista: 20/03/2014

Transcrição: Carina Kaiser Miranda da Silva

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Total de gravação: 21 minutos e 30 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira esportiva da entrevistada; Inserção no Handebol na cidade de Recife: Equipes nas quais atuou; Trajetória como atleta; Carreira no Rio Grande do Sul; Inserção como atleta federada Reconhecimento no esporte; Estruturação do Handebol feminino; Handebol como modalidade olímpica.

Caxias do Sul, 20 de março de 2014. Entrevista com Tuanna Letícia Silva da Luz a cargo da pesquisadora Daniela Romcy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.R – Tuanna, podes te apresentar e contar um pouco da tua dedicação ao Handebol?

T.L - Meu nome é tua Tuanna Letícia da Luz e tenho 22 anos. Faço faculdade de Design, uma coisa que não tem nada a ver com Handebol. Mas sou profissional de Handebol há três anos e treino todos os dias.

D.R - Como que tu começaste no Handebol?

T.L - Eu comecei a jogar em Pernambuco na escola. O time de Handebol era bom, então, comecei na linha, mas acho que não durei um mês na linha e passei para o gol e desde então sou goleira. Eu tinha 15 anos, comecei um pouco tarde, mas desde que descobri o gol acho que não tem outro lugar melhor para jogar que não seja no gol. [risos]

D.R – Antes de jogar pela UCS¹ tu já tinha jogado em outros times?

T.L – Já, joguei no Santa/Feevale² de Novo Hamburgo durante um ano, e antes do Santa joguei pelo Clube Português do Recife³, que foi onde eu comecei a jogar.

D.R – Além de jogar handebol e fazer faculdade, tu fazes outra coisa para se manter? Como profissão?

T.L – Profissão hoje para mim é o Handebol. Sou de Recife, vim para cá e aqui tenho tudo, eles dão tudo. Casa, salário, faculdade, alimentação, tudo! Hoje vivo do Handebol e faço faculdade. Claro que hoje sou uma profissional do Handebol, mas a gente tem na cabeça de que o Handebol não vai ser para toda a vida. Até porque é um esporte que não dá para

¹ Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul (RS)

² Santa/Feevale/Novo Hamburgo, Novo Hamburgo (RS)

³ Clube Português do Recife, Recife (PE).

fazer com cinquenta anos. A garotada está aí para dizer, a maioria tem recém dezoito. O esporte está sempre se renovando, gente nova. É assim, quando chega ao adulto, tem aquelas que não se adequam e param e aquelas que continuam e são boas. Mas hoje eu vivo do Handebol, tenho tudo através dele. Fora isso eu nunca trabalhei, já fiz trabalhos de Design e tal, mas só freelance, um aqui, outro ali, mas nada de trabalhar em uma agência.

D.R – Quando tu te percebeste como profissional do Handebol?

T.L – Quando comecei a receber, mas já sabia que queria Handebol quando comecei a me destacar. Eu sempre joguei no Clube Português, joguei por seis anos. Peguei Seleção Pernambucana, Seleção Brasileira. Viajei muito e acabei sendo chamada para jogar em outros times. Quando comecei a me destacar já sabia mais ou menos por onde eu tinha que ir. Então comecei a me dedicar mais, porque queira ou não a pessoa novinha se distrai muito, não tem aquele foco. Mas como percebi que o Handebol era o que eu queria, até porque sempre gostei, é bom demais você estar na quadra, o treino é meio cansativo e tal, mas dentro de quadra você vê, caramba é isso que eu gosto de fazer.

D.R – E todas as meninas do UCS são confederadas?

T.L - Sim, todas jogam confederadas. Na UCS o foco é no adulto, o time agora, só tem duas meninas que não podem jogar pelo adulto, às outras todas têm dezoito anos e podem jogar adulto. Para jogar tem que ser confederadas, jogamos competições que exigem se sejamos confederadas, como a Copa do Brasil, Mercosul⁴, Brasileiros tudo mais.

D.R – O que tu consideras que é a maior dificuldade para uma pessoa que quer viver do Handebol, que quer ser uma profissional do Handebol?

T.L – A maior dificuldade? Eu acho que depende mais de você. Porque tem aquela história de que é o seu talento, que você nasce com ele e vai alimentando. Porém depende muito de você, do seu esforço, do que você faz, depende se você quer mesmo. Porque quando você quer mesmo você vai atrás. Então acho que o Handebol é a mesma coisa, você treinando, vai evoluir e se você treinar mais, vai realmente evoluir mais, acho que é isso.

⁴ Copa Mercosul de Handebol;

D.R – Como que tu vês a presença do público nas competições que vocês participam? Porque vocês jogam há muito tempo, vem aumentando? Depende da região?

T.L - Depende de região, depende de competição. Onde eu jogava, em Pernambuco não é muito divulgado, mas, porém o Português já é tradição, então sempre tem um público, parentes, amigos, amigos de faculdade, amigos de trabalho de todas que jogam lá e vão. Aqui a mesma coisa, o público aqui gosta de Handebol só que não é quadra lotada ainda, porém vem bastante gente para assistir os jogos em competições também. Por exemplo, a gente vai jogar um jogo da Liga Nacional em Concórdia, é quadra lotada sempre, jogos da Liga lá é quadra lotada. E o público está aumentando bastante, vêm sempre parentes, meus parentes não vem por conta de que é muito longe, mas sempre procuram saber como está. De alguma forma procuram acompanhar o Handebol por ser a minha profissão, mas minha família gosta bastante, e o público está aumentando bastante hoje.

D.R – Porque tu achas?

T.L - Porque está aparecendo mais, querendo ou não está aparecendo mais, está se divulgando mais. O campeonato mundial rendeu muita visibilidade, apesar de que a TV não comprou muita briga, não divulgou nada, só divulgou depois que foi campeã e olhe lá. Mas está caminhando, no Brasil nem tanto, mas lá fora eles valorizam bastante, querem quadra lotada, ingressos para ir assistir jogos e espera-se que daqui a algum tempo no Brasil seja a mesma coisa.

D.R – Como que tu vês hoje o papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário de Handebol feminino?

T.L – Bom, a Federação Gaúcha eu não posso te comentar porque sou federada e jogo aqui só há dois anos, pelo que vejo eles apoiam. A prefeitura de Caxias do Sul apoia também, tem a Lei de Incentivo e tudo mais, mas não tem só o Handebol para apoiar, mas o apoio poderia ser maior, sempre se precisa de um apoio maior, um incentivo maior. Já a Confederação Brasileira esse ano e ano passado estão apoiando mais, vão custear alguns gastos na Liga. Eu acho que está melhorando, o Brasil está crescendo em relação ao

esporte, estão evoluindo junto com a gente, muitos times aqui no Brasil estão crescendo também por conta deles que estão apoiando, está melhorando bastante.

D.R – Como que tu vieste de Pernambuco para cá, como foi o processo de você vir para cá?

T.L – Quando eu jogava em Pernambuco eu viajava bastante para competir, a única competição que o time não jogava era a Liga Nacional. Joguei os JUBS, que é Jogos Universitários Brasileiros, o JEBS, que são os Jogos Escolares Brasileiros, o Brasileiro, Copa do Brasil e várias outras competições, menos a Liga Nacional. Porque querendo ou não a Liga Nacional é a vitrine do Handebol brasileiro hoje. Ano retrasado o técnico do Santa/Feevale me ligou dizendo que me queria no time dele e me fez uma boa proposta. Nunca tinha pensado em sair de casa antes, mas já tinha recebido outras propostas. Mas resolvi tentar uma coisa nova, crescer no esporte e como pessoa, o meu foco é muito maior agora no Handebol do que antes. É outra cabeça, quando eu morava em Pernambuco, tinha família, tinha amigos, tinham várias outras coisas que me tiravam o foco do Handebol e hoje não, trabalho para isso, ganho para isso, querendo ou não a minha vida gira em torno do Handebol. Hoje minha é totalmente voltada para o Handebol, se tiver que fazer outra coisa e tiver Handebol, eu tenho que fazer Handebol e não as outras coisas. Acho que me sai bem, ano passado o Gabriel Citton me fez uma proposta para vir jogar aqui e aqui estou.

D.R - E tu chegastes a morar em Novo Hamburgo por quanto tempo?

T.L - Morei um ano em Novo Hamburgo, foi uma experiência diferente para mim, por ser o começo de tudo. O time de lá não é muito bom, mas foi uma vitrine para mim, outros times passaram a me conhecer. Foi uma boa experiência lá, posso dizer que foi uma das melhores para mim, conheci outras pessoas e sai um pouco de casa, da família, cresci bastante, tanto no Handebol como pessoa também.

D.R – Na tua opinião o que tu acha que podia ser feito para que o Handebol se constituísse como uma possibilidade concreta de profissão?

T.L – Apoio. A visibilidade vem totalmente do apoio, aqui na UCS a gente tem vários patrocínios que apoiam o Handebol, então a gente vai para outras competições por conta destes patrocínios. Acho que é a mesma coisa no Brasil, se a Confederação Brasileira apoiasse mais e outros patrocinadores apoiassem a Confederação Brasileira para que fizessem outras competições. Outra coisa é a visibilidade nacional, se as pessoas passarem a gostar de ver Handebol mais o apoio, o Handebol vai crescer totalmente.

D.R – Quando que tu percebeste que o handebol era tua paixão, que tu gostavas de uma coisa que não era muito comum no Brasil?

T.L – Então, meu irmão é jogador de futebol de campo e a paixão pelo esporte e de família. Meu pai é louco por futebol, então colocou meu irmão para jogar, e eu ia junto assistir aos jogos. O meu irmão me colocava para jogar e treinar com ele, acabei ganhando coordenação. Fui jogar Handebol na escola, por eu comecei jogando futebol, mas minha mãe não gostava que eu jogasse futebol, então ela me fez mudar de esporte. Acabei indo para o Handebol, fiz novas amizades, comecei a viajar para competições e acabei vendo que era o que gostava mesmo. Aí fui chamada para jogar em outro colégio, onde passei a não gastar mais nada para jogar, não pagava escola, não pagava alimentação. E quanto mais eu fui crescendo, mais fui vendo que era isso que eu gostava. Passei a gostar de ver Handebol, passei a procurar sobre Handebol, passei a vivenciar dentro de quadra. A paixão só vem aumentando e até hoje alimento essa paixão. Eu acho que o Handebol além de ser profissão é muito mais que isso para mim, é de coração, é entrega, é tudo. Hoje para mim eu vivo para o Handebol.

D.R – E como esporte Olímpico, como é que tu vê a participação do Brasil feminino e masculino nessa modalidade.

T.L – Como esporte Olímpico... O handebol hoje está dando cara ao Brasil lá fora. E aqui jogar Pan-Americanos, Sul-Americano, já não dá mais este gosto para o Brasil. São competições importantes para a visibilidade aqui, mas não é tão importante quanto o Mundial que elas ganharam. A medalha Olímpica elas não tem, vão tentar agora.

D.R – Qual foi a posição delas na última Olimpíada?

T.L – Eu acho que foi quinto ou quarto.

D.R – O que tu achas do fato de elas terem ganhado Mundial?

T.L – Favorece bastante. Mas não vão chegar lá com a taça na mão, vão ter que brigar bastante, por conta que agora os outros países vão ver o Brasil como um time a bater. Porque são as Campeãs Mundiais, e todo mundo quer ganhar do time campeão mundial. Vai se tornar mais difícil por causa da grande visibilidade que o Brasil está lá fora. Porque não é um timezinho que vai chegar lá para jogar Olimpíada, é o time recém-campeão mundial que chegou lá e tomou a taça da mão delas, então aumenta bastante a visibilidade do Brasil. E se elas vão ser favoritas e eu acredito que o time do Brasil hoje está muito bom a ponto de brigar pela medalha Olímpica. Não posso dizer que elas vão ganhar o ouro, mas que elas vão brigar para isso, as brasileiras tem muita garra e isso favorece bastante.

D.R – E tu achas o processo que essas meninas fizeram de sair do Brasil e jogar na Europa, tu achas que abriu portas?

T.L – Abriu portas para outras irem para fora também, para eles olharem o Brasil com outros olhos, porém aqui no Brasil também tem jogadoras que já foram campeãs mundiais, poucas, mas tem. E tem outras também que jogam aqui que são muito boas que poderiam jogar fora. Lá fora tem um maior apoio, eles pagam melhor, são mais apaixonados pelo Handebol. Mas aqui no Brasil está melhorando, está caminhando de devagarzinho, mas está indo. A visibilidade de uma jogadora de Handebol aqui no Brasil há uns cinco anos atrás era quero ser profissional, quero ir para fora. Hoje já tem um maior apoio, praticamente dá para viver do Handebol aqui por conta de que você tem total apoio com eles, entendeu? Mas o sonho de toda jogadora de Handebol é jogar fora do país, viver disso, de ter um salário bom e viver do que você faz, viver do que você gosta.

D.R – Mais alguma coisa que gostaria de falar que eu não perguntei?

T.L – Não, era isso.

D.R – Em nome do Centro de Memória do Esporte: Muito obrigada Tuanna.

T.L – De nada!

[FINAL DA ENTREVISTA]